

## GEOGRAFIA DOS LUGARES ESQUECIDOS: IMAGENS, MEMÓRIA E INVISIBILIDADE URBANA

### GEOGRAPHY OF FORGOTTEN PLACES: IMAGES, MEMORY, AND URBAN INVISIBILITY

### GEOGRAFÍA DE LOS LUGARES OLVIDADOS: IMÁGENES, MEMORIA E INVISIBILIDAD URBANA

Silvana Afonso Costa<sup>1</sup>  
José Mauro Palhares<sup>2</sup>  
Wagner Soares de Souza<sup>3</sup>  
Fernando de Matos e Silva<sup>4</sup>  
Francinete Viana da Silva Corrêa<sup>5</sup>  
Sofia Rumor Marin Diglesias Vieira<sup>6</sup>

**RESUMO:** O presente artigo investiga a relação entre imagem, memória e invisibilidade nos espaços urbanos marginalizados, tendo como principal referência teórica a obra Paisagens do medo, de Yi-Fu Tuan. Partindo da premissa de que o medo estrutura não apenas as percepções individuais, mas também a produção e a exclusão simbólica de determinados lugares na cidade, o trabalho analisa como o esquecimento urbano é construído socialmente e reforçado pela linguagem visual e pela ausência de narrativa. A articulação entre a geografia humanista tuaniana e estudos sobre memória coletiva e invisibilidade permite compreender que os chamados "lugares esquecidos" não são vazios de significado, mas, ao contrário, são saturados de medo, silêncio e apagamento deliberado. Conclui-se que a recuperação crítica da imagem desses espaços constitui um ato político de resistência à invisibilidade imposta.

1

**Palavras-chave:** Invisibilidade urbana. Paisagens do medo. Memória coletiva. Imagem. Yi-Fu Tuan.

**ABSTRACT:** This article investigates the relationship between image, memory, and invisibility in marginalized urban spaces, drawing primarily on Yi-Fu Tuan's Landscapes of Fear. Based on the premise that fear shapes not only individual perceptions but also the symbolic production and exclusion of certain urban places, this paper analyses how urban forgetting is socially constructed and reinforced through visual language and the absence of narrative. The interplay between Tuan's humanistic geography and studies on collective memory and invisibility reveals that so-called "forgotten places" are not devoid of meaning but, on the contrary, are saturated with fear, silence, and deliberate erasure. It is concluded that the critical recovery of the image of these spaces constitutes a political act of resistance to imposed invisibility.

**Keywords:** Urban invisibility. Landscapes of fear. Collective memory. Image. Yi-Fu Tuan.

<sup>1</sup> Mestre em Geografia. Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

<sup>2</sup> Doutor em Geografia. Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

<sup>3</sup> Mestrando em Geografia. Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR.

<sup>4</sup> Doutorando em Geografia. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

<sup>5</sup> Mestre em Geografia. Universidade Federal do Amapá - UNIFAP.

<sup>6</sup> Graduanda em Ciências e Humanidades. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC/PR.

**RESUMEN:** Este artículo investiga la relación entre imagen, memoria e invisibilidad en los espacios urbanos marginalizados, tomando como referencia principal la obra Paisajes del miedo, de Yi-Fu Tuan. A partir de la premisa de que el miedo no solo moldea las percepciones individuales, sino también la producción simbólica y la exclusión de determinados lugares urbanos, este trabajo analiza cómo el olvido urbano se construye socialmente y se refuerza por medio del lenguaje visual y de la ausencia de narrativa. La articulación entre la geografía humanista de Tuan y los estudios sobre memoria colectiva e invisibilidad revela que los llamados “lugares olvidados” no están vacíos de significado; por el contrario, están saturados de miedo, silencio y borramiento deliberado. Se concluye que la recuperación crítica de la imagen de estos espacios constituye un acto político de resistencia frente a la invisibilidad impuesta.

**Palabras clave:** Invisibilidad urbana. Paisajes del miedo. Memoria colectiva. Imagen. Yi-Fu Tuan.

## INTRODUÇÃO

O espaço urbano contemporâneo é, antes de tudo, um campo de disputas simbólicas. Cidades são construídas não apenas com concreto e asfalto, mas com imagens, narrativas e, sobretudo, esquecimentos. Há lugares que figuram nos mapas turísticos, nas telas de televisão, nos cartazes publicitários; e há lugares que desaparecem, não porque deixaram de existir geograficamente, mas porque foram progressivamente apagados do repertório visual e afetivo da vida coletiva. A esse fenômeno chamamos, neste artigo, de invisibilidade urbana.

A reflexão sobre os mecanismos que produzem tal invisibilidade encontra em Yi-Fu Tuan um interlocutor privilegiado. Em sua obra Paisagens do medo, publicada originalmente em 1979 e traduzida ao português pela Editora UNESP em 2005, o geógrafo sino-americano propõe uma leitura humanista do espaço a partir do conceito de "paisagem do medo", compreendida como expressão material e psicológica dos medos humanos ao longo da história. Para Tuan, o medo não é apenas uma emoção individual: é também um princípio organizador do espaço, que define quais lugares são habitados, celebrados ou, ao contrário, evitados e silenciados.

O objetivo deste artigo é examinar como a obra de Tuan auxilia a compreender o fenômeno da invisibilidade urbana, entendida aqui como o resultado de processos históricos de exclusão que operam por meio de imagens, ou de sua ausência. Para tanto, o texto está estruturado em dois capítulos de desenvolvimento: o primeiro analisa a relação entre paisagem, medo e esquecimento a partir da teoria tuaniana; o segundo discute como a imagem e a memória funcionam como instrumentos de apagamento ou de resistência nos espaços urbanos marginalizados.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico, que articula a geografia humanista de Tuan (2005) com contribuições de autores como Henri Lefebvre (2001), Walter Benjamin (2012), Milton Santos (2002) e Jacques Le Goff (1990), cujas obras permitem ampliar o escopo teórico da investigação.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, de natureza qualitativa e caráter interpretativo, construída a partir do levantamento, leitura e análise de obras, artigos científicos e materiais teóricos relacionados à Geografia Humanista, paisagem, medo, memória coletiva, imagem e invisibilidade urbana. A escolha por esse percurso metodológico justifica-se pela necessidade de compreender como determinados espaços urbanos passam a ser socialmente esquecidos, silenciados ou associados a representações de medo. Conforme Gil (2017), a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador examinar contribuições já produzidas sobre determinado tema, oferecendo base teórica para a análise do objeto investigado. Nesse mesmo sentido, Lakatos e Marconi (2017) destacam que esse tipo de pesquisa se desenvolve por meio de fontes secundárias, como livros, artigos científicos, teses, dissertações, periódicos e demais publicações acadêmicas.

O levantamento bibliográfico teve como principal eixo teórico a obra *Paisagens do medo*, de Yi-Fu Tuan, utilizada como referência central para discutir a relação entre medo, percepção e produção simbólica do espaço urbano. Além de Tuan, a pesquisa dialoga com autores que contribuem para ampliar a compreensão da cidade como espaço social, simbólico e histórico, tais como Henri Lefebvre, Walter Benjamin, Milton Santos e Jacques Le Goff. Enquanto Lefebvre contribui para a compreensão do espaço como produto das relações sociais, Benjamin permite refletir sobre a imagem urbana como construção carregada de sentidos; Santos auxilia na leitura do espaço como campo de contradições sociais; e Le Goff oferece base para pensar a memória e o esquecimento como práticas historicamente produzidas.

A análise dos materiais foi realizada de forma interpretativa, buscando articular os conceitos teóricos ao fenômeno da invisibilidade urbana. Segundo Severino (2016), a pesquisa científica exige leitura crítica das fontes, organização das ideias e construção de relações entre os referenciais utilizados e o problema investigado. Desse modo, a metodologia adotada não se limita à descrição das obras consultadas, mas procura relacioná-las ao debate sobre os lugares esquecidos da cidade, compreendidos como espaços marcados por medo, ausência de narrativa, apagamento simbólico e exclusão visual.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, não se buscou quantificar os espaços urbanos marginalizados ou medir estatisticamente suas formas de representação. O objetivo foi interpretar os sentidos atribuídos a esses lugares, considerando sua relação com a memória coletiva, com a produção de imagens e com os processos sociais de invisibilização. Nessa perspectiva, Minayo (2016) afirma que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, valores, crenças, percepções e atitudes, possibilitando a análise de fenômenos sociais que não podem ser reduzidos apenas a dados numéricos. Assim, a metodologia adotada permite compreender os lugares esquecidos não como espaços vazios de significado, mas como territórios atravessados por medo, silêncio, memória e resistência.

Além disso, a pesquisa considera a imagem como elemento importante para a leitura geográfica do espaço urbano. Fotografias, representações visuais, registros urbanos e ausências imagéticas são compreendidos como formas de linguagem que participam da construção social da cidade. Nesse sentido, a imagem não é tratada apenas como ilustração, mas como instrumento de análise, capaz de revelar processos de apagamento, estigmatização e resistência. Dessa forma, a metodologia contribui para aproximar a Geografia Humanista do debate sobre memória e invisibilidade, permitindo analisar criticamente como determinados lugares são excluídos do campo visual e simbólico da cidade.

## PAISAGEM, MEDO E O ESQUECIMENTO DO ESPAÇO URBANO

A noção de paisagem ocupa posição central na obra de Yi-Fu Tuan. Em Paisagens do medo, o autor parte da constatação de que toda construção humana, seja ela material ou simbólica, existe como resposta ao caos e ao medo. Nesse sentido, a cidade não é apenas uma solução técnica para os problemas da coexistência humana, mas um conjunto de estratégias para controlar o que é percebido como ameaçador. Tuan (2005, p. 12) afirma:

O que são paisagens do medo? São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos. Conseqüentemente os contos de fadas infantis, bem como as lendas dos adultos, os mitos cosmológicos e certamente os sistemas filosóficos são refúgios construídos pela mente nos quais os homens podem descansar, pelo menos temporariamente, do assédio de experiências novas e da dúvida. Além disso, as paisagens materiais de casas, campos de cultivo e cidades controlam o caos. Cada moradia é uma fortaleza construída para defender seus ocupantes humanos dos elementos; é uma lembrança constante da vulnerabilidade humana.

A passagem citada revela uma premissa central do pensamento tuaniano: a arquitetura do medo não é apenas a arquitetura do perigo evidente, mas também a da vulnerabilidade

latente, aquela que se inscreve silenciosamente nas formas urbanas. Quando Tuan afirma que "cada moradia é uma fortaleza", ele aponta para o fato de que a construção do espaço habitado supõe sempre a existência de um exterior ameaçador — real ou imaginado. Essa dialética entre interior e exterior, entre o familiar e o estranho, está na raiz do que produz, em cidades modernas, a divisão entre lugares visíveis e invisíveis.

A partir desta perspectiva, é possível compreender que a invisibilidade de certos bairros, vilas e comunidades urbanas não é acidental. Ela é produzida e mantida pelo imaginário do medo. Tuan (2005, p. 231) observa, no capítulo dedicado ao medo na cidade, que

"o crescimento urbano desordenado, por exemplo, é visto como uma selva, um caos de edifícios, ruas e movimentos rápidos de veículos que desorientam e assustam os recém-chegados. Mas a maior ameaça, aquela que se destaca em uma cidade, são as outras pessoas".

Nesse diagnóstico, o geógrafo antecipa uma lógica que se tornaria ainda mais evidente nas metrópoles do século XXI: a do medo do outro como fundamento da segregação espacial.

Essa associação entre medo, desordem e presença do outro torna-se visível em determinadas paisagens urbanas, especialmente naquelas marcadas pela precariedade, pela permanência de grupos socialmente marginalizados e pela ausência de reconhecimento público. Nesses espaços, o abandono material se soma ao apagamento simbólico, produzindo uma imagem urbana frequentemente associada ao risco, à insegurança e à exclusão.

5

Figura 1 – Espaço urbano marcado pela precariedade, pela presença de sujeitos invisibilizados e pela produção social do medo.



Fonte: Wilfredor/Wikimedia Commons, 2020.

A imagem evidencia que a invisibilidade urbana não se constrói apenas pela ausência de representação, mas também pela forma como certos lugares e sujeitos são representados. Quando o espaço público passa a ser lido predominantemente pela chave do medo, as vidas que nele se desenvolvem tendem a ser reduzidas à condição de ameaça, reforçando processos de segregação e apagamento.

A ideia de que o medo organiza o espaço urbano encontra suporte nas reflexões de Henri Lefebvre (2001) sobre a produção social do espaço. Para Lefebvre, o espaço não é um dado natural ou neutro, mas um produto das relações sociais, incluídas aí as relações de poder que decidem o que deve ser mostrado e o que deve ser escondido. A invisibilidade urbana, nesse sentido, é uma forma de violência simbólica: nega-se ao lugar a condição de espaço legítimo, tornando-o, nas palavras de Milton Santos (2002), um "espaço banal", não no sentido de comum, mas de excluído dos circuitos hegemônicos de valorização.

O esquecimento como prática social é examinado por Le Goff (1990) em seu clássico estudo sobre memória e história. Segundo o historiador francês, o esquecimento não é a simples ausência de memória, mas um mecanismo ativo de supressão, frequentemente articulado a interesses políticos e econômicos. Transferido para o espaço urbano, esse argumento sugere que os lugares esquecidos das cidades não foram abandonados por acaso: foram sistematicamente mantidos fora do campo de visibilidade pública porque sua existência perturbaria narrativas hegemônicas sobre o que a cidade é, ou pretende ser.

Tuan, ao mapear as geografias do medo ao longo da história, oferece uma lente privilegiada para compreender esses processos. Sua análise demonstra que o medo tem sempre um componente espacial: ele se localiza, se projeta sobre lugares e neles se cristaliza. A favela, o cortiço, o bairro periférico e a rua de população em situação de rua são, nessa perspectiva, não apenas realidades sociais, mas paisagens do medo construídas coletivamente e, por isso mesmo, submetidas a um apagamento sistemático.

## IMAGEM, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NOS ESPAÇOS INVISÍVEIS

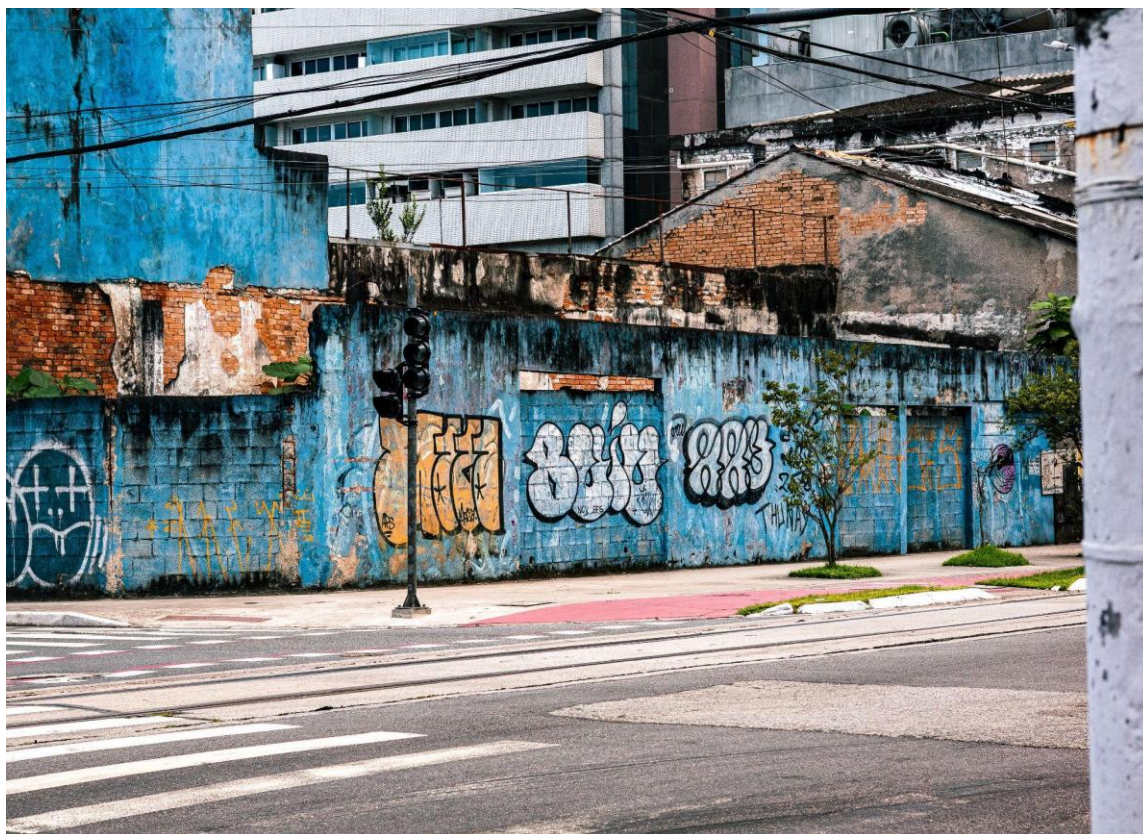
Se o primeiro capítulo demonstrou como o medo opera como princípio estruturante da invisibilidade urbana, este segundo capítulo se volta para a questão da imagem e da memória como territórios de disputa nesse processo. A hipótese central aqui desenvolvida é a de que a invisibilidade dos lugares esquecidos se sustenta, em grande medida, pela produção e circulação

de imagens que reforçam o medo e que a resistência a esse apagamento passa, necessariamente, pela produção de contra-imagens e pela reativação da memória coletiva.

Walter Benjamin (2012), em suas reflexões sobre a cidade moderna, já havia identificado que a imagem urbana não é um reflexo neutro da realidade, mas uma construção ideológica carregada de intenções. Para Benjamin, a cidade é um arquivo de sonhos e pesadelos coletivos, e aquilo que aparece nas imagens oficiais, nas fotografias institucionais, nos postais turísticos, nos planos urbanísticos, é sempre o resultado de uma escolha que implica, necessariamente, uma exclusão. O que não aparece nas imagens da cidade é tão significativo quanto o que aparece.

Nesse sentido, a paisagem urbana não deve ser compreendida apenas como cenário, mas como linguagem. Muros, fachadas, marcas do tempo, pichações e grafites também comunicam disputas sociais, revelando tensões entre apagamento e presença. A imagem, portanto, pode tanto reforçar a invisibilidade quanto abrir caminhos para que os espaços esquecidos sejam novamente inscritos no campo visual da cidade.

Figura 2 – Grafite e marcas urbanas como formas de inscrição simbólica e disputa pela visibilidade do lugar.



Fonte: Juan Pablo Daniel/Pexels.

A presença do grafite na paisagem permite compreender que os espaços invisibilizados não são vazios de sentido. Ao contrário, eles carregam formas próprias de expressão, denúncia e pertencimento. Mesmo quando localizados em áreas degradadas ou socialmente desvalorizadas, esses registros visuais funcionam como contraimagens, pois rompem com a narrativa do abandono absoluto e afirmam a existência simbólica do território.

Essa lógica benjaminiana ressoa com o que Yi-Fu Tuan descreve sobre os mecanismos de produção do medo em contextos urbanos. Tuan (2005, p. 7-8) formula, logo na introdução de sua obra, a dimensão subjetiva e coletiva que atravessa a experiência dos lugares:

Se pararmos para refletir quais são elas, certamente inúmeras imagens acudirão à nossa mente: medo do escuro e a sensação de abandono quando criança; ansiedade em lugares desconhecidos ou em reuniões sociais; pavor dos mortos e do sobrenatural; medo das doenças, guerras e catástrofes naturais; desconforto ao ver hospitais e prisões; medo de assaltantes em ruas desertas e em certos bairros; ansiedade diante da possibilidade de rompimento da ordem mundial. Os medos são experimentados por indivíduos e, nesse sentido, são subjetivos; alguns, no entanto, são, sem dúvida, produzidos por um meio ambiente ameaçador, outros não.

O trecho destacado é revelador porque apresenta a experiência do medo como intrinsecamente ligada a imagens mentais, imagens de lugares e situações que funcionam como gatilhos afetivos. Nota-se que entre as "paisagens do medo" listadas por Tuan estão "ruas desertas" e "certos bairros": lugares urbanos que, na memória coletiva, se tornam sinônimos de perigo e, por conseguinte, de evitação. Esse evitamento tem consequências diretas sobre a invisibilidade: o lugar que se evita deixa de ser narrado, fotografado, visitado e, ao deixar de ser representado, torna-se progressivamente inexistente para a cidade oficial.

A memória coletiva desempenha, nesse processo, um papel ambivalente. De um lado, pode cristalizar estigmas e consolidar a invisibilidade, quando os únicos registros disponíveis sobre um lugar são aqueles que o associam à violência, à degradação ou ao medo. De outro, pode funcionar como instrumento de resistência, quando grupos sociais marginalizados reivindicam o direito de narrar sua própria história e de produzir suas próprias imagens. Nesse sentido, práticas como a fotografia comunitária, o grafite, o muralismo e a cartografia social são formas de contra-mapeamento que disputam, no campo simbólico, a visibilidade dos lugares esquecidos.

Milton Santos (2002) afirma que o espaço é o "teatro obrigatório" da existência humana: é nele que a vida se desenrola, é nele que as contradições sociais se inscrevem e tornam-se legíveis. Nessa perspectiva, tornar um lugar invisível significa também invisibilizar as vidas que nele se desenvolvem e, com elas, suas histórias, sua cultura, suas formas de resistência. A

invisibilidade urbana é, portanto, uma forma de violência que opera no registro do apagamento: não é a destruição do lugar, mas sua morte simbólica.

O diálogo entre Tuan, Benjamin, Lefebvre, Le Goff e Santos permite, assim, construir um quadro teórico coeso para a análise dos lugares esquecidos da cidade. Esses lugares são o resultado de processos históricos de exclusão que se articulam em múltiplas dimensões: econômica, política, afetiva e, de modo particularmente relevante, imagética. A imagem, seja ela ausente ou distorcida, é o principal vetor da invisibilidade. E é por meio da produção de novas imagens, ancoradas na memória viva dos que habitam esses espaços, que se abre a possibilidade de resistência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou demonstrar que os lugares esquecidos da cidade não são o produto do acaso ou do simples abandono material, mas o resultado de processos ativos de produção da invisibilidade, ancorados no medo, na exclusão simbólica e no apagamento da memória. A obra de Yi-Fu Tuan, *Paisagens do medo*, oferece uma base teórica fundamental para compreender como o medo se torna um princípio organizador do espaço urbano, definindo o que é visível e o que deve permanecer fora do campo de visibilidade coletiva.

A articulação da geografia humanista tuaniana com as reflexões de Benjamin sobre a imagem da cidade, de Le Goff sobre o esquecimento como prática social e de Santos sobre o espaço como território de contradições permitiu construir uma análise que ultrapassa o nível fenomenológico e alcança a dimensão política da invisibilidade urbana. Concluiu-se que invisibilizar um lugar é, ao mesmo tempo, invisibilizar as pessoas que nele vivem e que a recuperação crítica da imagem desses espaços constitui, por isso, um ato político de resistência.

A contribuição de Tuan permanece atualíssima: ao demonstrar que toda construção humana é, em algum nível, uma resposta ao medo, ele nos convida a interrogar não apenas o que construímos, mas o que decidimos não ver. Os lugares esquecidos das cidades são, precisamente, aquilo que uma sociedade escolhe não construir em seu campo de visão. Reconhecê-los, nomeá-los e fotografá-los é o primeiro passo para devolver-lhes a dignidade de existir.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Organização de Willi Bolle. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.